

O Homem Jesus e o marco da história: Reflexões em torno da Cristologia de Joseph Moingt*

**The man Jesus and the mark of history: reflections on
Joseph Moingt's Christology**

Valdete Guimarães**

Resumo

O artigo expõe uma reflexão a partir da cristologia de Moingt, considerando o aspecto histórico como lugar de revelação e retomando a narrativa como meio de acesso primordial à pessoa de Jesus Cristo e ao desígnio salvífico de Deus. Em consonância com o pensamento do autor, afirmamos que Jesus é totalmente consubstancial aos homens e participa da mesma condição temporal. Não obstante, devemos afirmar que em Jesus há uma singularidade diferencial de todos os homens. Dessa concepção é que brotou a compreensão, nas primeiras comunidades, de que ele era o Cristo. Sua identidade de Filho de Deus, portanto, emerge da história.

Palavras-chave: Cristologia narrativa; história; pessoa de Jesus.

Abstract

The article exposes a reflection based on Moingt's Christology, considering the historical aspect as place of revelation and using the narrative as way of primary access to the person of Jesus Christ and to the salvific plan of God. According to the author's thought, we can affirm that Jesus is totally consubstantial in relation to men and also participates in their same temporal condition. In addition to it, there is a singular difference between Jesus and all men. From this perspective emerged the idea, even in the first Christian

* Artigo recebido em 27/03/2015 e aceito para publicação em 25/05/2015.

** Doutoranda em Teologia na FAJE.

communities, that he was the Christ. Therefore, his identity of Son of God arises from history.

Keywords: Narrative Christology; history; person of Jesus.

Introdução

Joseph Moingt, autor de uma vasta obra teológica, abrangendo muitas áreas com uma eloquente competência, muito contribuiu para a reflexão, principalmente em se tratando da cristologia que se resume em três densos volumes: *O homem que vinha de Deus; Deus que vem ao homem*: do luto à revelação de Deus, vol. I; *Deus que vem ao homem*: da aparição ao nascimento de Deus, vol. 2.

O fio condutor que tece a teologia de Moingt não aparece desligado da incidência pastoral de seu tempo, mas, ao contrário, se desenrola suscitando uma leitura pastoral equivalente à linguagem teológica elaborada. A análise se assenta na maneira concreta de transmitir a fé cristã no contexto atual, isto é, ele pensa como a mensagem de fé pode ser transmitida de forma compreensível para o homem de hoje, como resposta às interrogações vitais que este se coloca e não somente como aceitação com base em uma autoridade institucional.

Deste modo, Moingt elabora uma cristologia narrativa, acreditando que através da narrativa é possível continuar chegando até nós a história de Jesus. Assim, os homens e as mulheres de nosso tempo vão se deparar em sua própria história com a história de Jesus Cristo, aquele que nos revela o Pai.

1. A kenose em Jesus

Para falar sobre a "pessoa humana de Jesus", o autor conduzirá a reflexão a partir da análise Hegel no tocante à compreensão de pessoa. Para Hegel o "eu" que se forma pela consciência do mundo e pela compreensão dos objetivos só chega à apreensão de si como sujeito, pondo-se em face de "outra consciência de si", que remete ao "eu em si mesmo", com a certeza de ser reconhecido pelo outro em sua singularidade e de conhecer a si próprio tal como é.

Para Moingt o ser sujeito da pessoa se forma por um duplo movimento: de "saída de si para o outro" e de "volta para si mesmo", por meio do outro reconciliado-se consigo mesmo. "A saída de si é o momento da morte, da passagem através do limite, trabalho da liberdade que se opõe à morte, trabalho da negatividade do ser, pelo despojamento do amor, projeção de si no outro e acolhida do outro em si mesmo"¹. O evangelista João afirma que a morte pode ser transbordamento de amor: "Ninguém tem maior amor do que aquele

¹ MOINGT. Joseph. *O homem que vinha de Deus*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 484.

que se despoja da vida por aqueles a quem ama” (Jo 15,13); “Em verdade, em verdade, eu vos digo, se o grão de trigo que cai na terra não morre, ele fica só; se ao contrário ele morrer, produzirá fruto em abundância” (Jo 12,24). O amor que é fruto da morte é transformação da morte em vida, negação da negação — vivo no outro, fora de mim mesmo como em mim mesmo, e o outro vive igualmente em mim, como em si mesmo. É importante salientar que nesta relação o outro permanece inevitavelmente outro e reforça o “eu” em sua singularidade. Assim Moingt assegura a individualidade das pessoas do Pai e do Filho.

Este movimento de projeção mostra como o homem Jesus entrou em “comunidade” de ser e de vida com Deus. O movimento de Jesus para Deus é completado em sua morte, pois aí se realiza radicalmente nele o não a si mesmo e o sim de Deus. Segundo Moingt, esse processo da negação se consuma em Jesus no momento de sua morte:

Esta dinâmica da “negação” se realiza em Jesus sentindo-se abandonado por Deus e abandonando-se livremente à morte. Por tal negação de si ele renuncia a todo o direito a respeito de Deus, inclusive ao direito de existir diante de sua face; reconhece seu nada, se faz e se quer nada, reconhece que somente Deus tem o direito de existir, reconhece-lhe todo o direito sobre sua pessoa, incluindo o de entregá-lo à morte.²

Tal ato de negação torna-se também um ato de liberdade absoluta — no momento em que se entrega à morte, recusa-lhe todo o direito sobre sua pessoa e confia apenas no bel prazer de Deus, se esvazia de si, no seu ser de criatura. Todavia, o caminho de negação faz parte de toda a vida de Jesus e desemboca na morte. A vida de Jesus é uma negação de si mesmo — negou a condição divina (Fl 2,6); renunciou os privilégios ligados à sua função (Mt 4,10), confessando unicamente o direito de Deus e não atribuindo nenhum direito a si próprio. Ainda, coloca-se em condição de servo, vivendo dentro dos limites da condição humana, sem querer, nem parecer nada além de homem (Fl 2,7), pois não procura se singularizar em meio à nossa natureza humana, não quer nada além de ser um de nós, funde-se no universal humano.

Ele se torna pessoa com igual relação para com Deus e com os homens: trata-se em relação aos outros como Servo de Deus e apresenta-se diante de Deus reduzindo-se à condição de Servo. Perde seu eu para salvá-lo como ser-para-Deus-e-por-Deus; e tudo o que ele perde de seu estar-no-mundo, reencontra-o em ter renascido de Deus, na pessoa de filho de Deus. Assim, Moingt constrói o raciocínio com base na narrativa evangélica, transferindo para Deus o que se passa em Jesus:

² *Ibid.*, p. 491.

Deus se manifesta em Jesus tal como é em si mesmo, se exterioriza no ser de Jesus, vem a existir em Jesus, como em si mesmo, em comunhão de existência do mesmo modo em que existe em si próprio como ser para o outro, como Pai daquele que fez passar para ele toda a sua razão de ser.³

A relação de paternidade de Deus para com Jesus é um ato de geração que comunica a vida de um para o outro. É o trabalho da negatividade que Deus exerce ao mesmo tempo sobre si mesmo e sobre Jesus, passando para ele e fazendo-o passar para si, a fim de coexistirem "um com o outro", na identidade reconhecida do mesmo si-próprio e na alteridade igualmente reconhecida de um e de outro.

Deus consuma em Jesus sua história, fazendo reciprocamente do acontecimento Jesus, a chegada dele entre os seres humanos. Ele exprime o seu "eu" no "tu" de Jesus e aceita tomar nele forma e particularidade. Aceita seu ser manifestado pelo ser de Jesus: "Quem me viu, viu o Pai" (Jo 14,9).

2. A relação entre história e fé

A este ponto da reflexão torna-se necessário uma palavra sobre a compreensão de história que o autor assume ao longo de sua obra. Para ele, a história positiva está ligada ao horizonte categorial, porém, a narrativa bíblica engloba, não só os eventos históricos como também o anúncio que nasce da fé. Ele não parte de uma exegese querendo encontrar o núcleo histórico do texto, mas considera a narrativa como um modo de se narrar a história de Jesus a partir da fé.

A história de Jesus com Deus é a história que nos faz visualizar a presença de Deus no mundo. Nele, o tempo é recriado, ou adquire uma refundação, é um tempo que se expande na leitura do passado e na expectativa do futuro. Jesus se torna filho na história e, na linguagem de Moingt "ele vem a nós" na história por pura gratuidade e, nele, Deus arrisca o seu próprio ser. É possível narrar esta história, e deste modo Jesus entra na linguagem humana e, nele, nós podemos falar de Deus. Sobre este aspecto Moingt afirma:

Deus é o parceiro da história humana; nós o encontramos não como um objeto do qual se constata o lugar ou o não-lugar; nós o encontramos como um interlocutor histórico do ser humano de quem se experimenta a presença ou a ausência. Presente ou ausente, Deus se narra: à primeira vista, é a

³ *Ibid.*, p. 519.

aproximação que parece convir ao problema de Deus, um problema que é mais para ser narrado do que tratado.⁴

Para Joseph Moingt o Jesus apresentado na narrativa dos Evangelhos não é o de um Deus que se faz homem, mas de um homem que se torna Filho de Deus, ou melhor, é feito Filho de Deus em sua história. Jesus assume em sua carne a Palavra de Deus vivendo até as últimas conseqüências essa palavra e é a partir dessa perspectiva que podemos dizer que “a Palavra se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1, 14).

A ligação da fé com a história possibilita-nos avançar no entendimento de nossa relação com o mundo, com os outros e com Deus. De fato, a história impede-nos de vivenciar a fé como mito ou superstição e nos impulsiona a tornarmo-nos coerentes com a historicidade dos homens e mulheres, pois oferece os elementos portadores de sentido que nos permitem perceber a presença de Deus em nossa vida. O sentido que chega aos acontecimentos evidencia, para a inteligência da fé, o agir salvífico de Deus. Aceitar integrar essa história em nossas vidas nos liga àquele que reconhecemos pela fé como o Cristo que nos revela a face de Deus.

3. Uma reflexão sobre a “morte” de Deus — morte de uma forma de falar de Deus

Ao tratar da temática da “morte de Deus”, nosso autor acentua a necessidade de buscar novas formas de linguagem para falar de Deus ante o fenômeno da secularização que se propaga no mundo. Para ele, o risco de um “desaparecimento” de Deus, está justamente no esvaziamento da compreensão da fé cristã que não foi narrada devidamente e por isso, podemos afirmar, está sufocada, causando o silêncio e a morte de Deus.

A modernidade e a pós-modernidade já não aceitam um discurso sobre Deus abstrato e alheio à experiência humana, sem vínculo com a realidade que nos cerca. A imagem mecanicista e materialista do mundo, marcada pelas ciências naturais e pelo positivismo emergente, influenciou na dinâmica da fé e esta foi colocada em cheque diante do racionalismo que emergia como única maneira possível de conhecimento. Daí se começou a subestimar a fé e se elevar a razão.

Parafraseando a reflexão moingtiana, podemos afirmar que é preciso narrar a história de Jesus, a fim de que essa história entre na nossa e torne-se carregada de sentido para motivar os crentes ainda hoje a vivenciarem o projeto de Jesus pessoalmente e não simplesmente como doutrina de fé, pois a doutrina não se torna

⁴ *Ibid.*, p. 14.

experiência: a pessoa pode saber no nível intelectual, mas não experimentar no nível existencial.

Moingt ainda fala de um aparente silêncio de Deus na cruz, o que pode significar uma anulação de si mesmo, pois nesse episódio Deus perde a exterioridade de seu "estar-no-mundo" por doar a sua existência àquele que lhe entregou a sua. Assim, Deus se faz existir em Jesus e, ao mesmo tempo, concede a Jesus existir em si mesmo. Deus toma em Jesus um "ser-outro", chega na pessoa de Pai, enquanto que o "ser para Deus" de Jesus se cumpre como pessoa de filho de Deus. Deus retorna à sua existência histórica, ressuscitando Jesus como cabeça de um corpo histórico, a Igreja. Deste modo, a religião cristã torna-se a visibilidade da presença renovada de Deus na história, em Jesus de Nazaré, reconhecido como filho eterno de Deus. Pode-se afirmar, de acordo com a reflexão de Moingt que cada vez que a fé diminui, enfraquece também a presença de Deus na história e, então, é possível pensar na "morte de Deus" em nossa realidade histórica⁵.

Todavia, quando Deus se revela na Ressurreição de Jesus, saindo da morte, se revela diferente do que era: Pai de um homem, Pai dos homens. Em Jesus Ressuscitado, Deus não se revela mais somente em divindade, mas em humanidade. Portanto, o anúncio cultural da "morte de Deus" lança um desafio aos cristãos: não se pode anunciar a verdade do Deus de Jesus Cristo, a não ser anunciando também sua humanidade e trabalhando na libertação e humanização da história.

A presença de Jesus, hoje, faz-se através do Espírito. Para Joseph Moingt o Espírito concedido a Jesus pelo Pai em sua ressurreição é que o constitui Senhor e Cristo, destinando-o a ser aquele que conduzirá a história humana ao seu termo. É Deus mesmo que comunica o seu Espírito a Jesus, e ele se torna assim comum a Deus e a Jesus, e é também através de Jesus que Deus comunica o seu Espírito aos discípulos, formando com eles um só corpo, a Igreja: o corpo de Cristo.

Conclusão e abertura

O pensamento de Moingt ajuda a recuperar o problema do esvaziamento da fé cristã hoje a partir de uma abordagem narrativa dos Evangelhos. Assim, a história de Jesus entra para a narração, pois se as coisas não forem narradas, elas permanecem confinadas e não entram na história. Jesus, porém, aparece no cenário da história humana e age mostrando-se, como que chamando a nossa atenção para Deus e o seu desígnio de amor. Deus, que é amor, deseja ser

⁵ *Ibid.*, p. 428. O Espírito atua ainda nos fiéis, despertando neles o desejo da construção do Reino de Deus, inspirando-os a participarem da missão de Cristo.

narrado de uma forma concreta e singular em sua identificação com o homem Jesus.

A reflexão cristológica de Moingt, como já acentuamos nesse ensaio, traz novidades à reflexão teológica. Retomamos aqui algumas linhas básicas do estudo elaborado, enfatizando questões centrais que emergem de seu pensamento. Uma contribuição importante é a consideração da história como lugar de revelação retomando aí a narrativa como meio de acesso primordial da pessoa de Jesus Cristo e do desígnio salvífico de Deus. Em nossa época não cabe mais considerar um Deus desligado da história, distante e abstrato. Deus só pode ser experimentado na história, porque se revela nela. Dessa reflexão emerge o convite para a Igreja abandonar os enunciados metafísicos dos dogmas e a pretensão de traduzir em conceitos os mistérios da fé. O convite é para retornar à narrativa como meio pelo qual Deus vem aos homens e esses têm a possibilidade de falar Dele. Então, aí se pode reconhecer o Deus que se revela, dá acesso aos homens e a si mesmo possibilitando um relacionamento, um encontro, a percepção de sua presença.

Outro aspecto importante a se considerar: a teologia de Moingt nos remete a um diálogo com alguns movimentos eclesiais que ignoram a realidade e suas exigências em termos não só de diálogo com os tempos atuais, como também de compromisso de transformação da história. Tais movimentos geram espiritualidades que tendem a ver Cristo muito glorioso e conseqüentemente milagroso e a agir no mundo de uma forma vertical e intervencionista. A ação de Deus não é concebida segundo um padrão intervencionista e milagroso, que não corresponde nem à experiência religiosa, nem à experiência histórica. A revelação não é um ditado milagroso e autoritário que deve ser tomado ao pé da letra e desligado da história. Em consonância com o pensamento do autor, afirmamos que Jesus é totalmente consubstancial aos homens e participa da mesma condição temporal. Dessa forma, a sua história é constituída das temporalidades e do devir comum a todos os seres humanos na formação de sua personalidade e configuração de sua história. Não obstante, devemos afirmar que em Jesus há uma singularidade diferencial de todos os homens. Dessa concepção, brotou a compreensão, nas primeiras comunidades, de que ele era o Cristo. Sua identidade de Filho de Deus, portanto, emerge da história.

A participação de Jesus na história da humanidade se concretiza a partir de uma identidade bem precisa que se revela em sua *kenosis*: pobre, humilde, sofredor, rejeitado, etc. Jesus é reconhecido como Senhor a partir de sua pobreza e de sua identificação com os pobres. Um teólogo contemporâneo nosso, ao desenvolver essa temática acentua, lembrando o que descreve o evangelista Mateus (Cf. Mt 11,18):

O homem Jesus é aquele que proclama felizes os pobres, chama os sem teto para entrar em sua casa,

coloca as mulheres em igualdade de dignidade com os homens, chama as crianças e as faz ir para ele, consola os que sofrem e estão curvados sob o fardo.⁶

De fato, a história de Jesus narrada nos Evangelhos nos apresenta sua identificação com os pequenos e os pobres da terra. Nessa identidade pobre de Jesus Deus deixa-se narrar aos homens e às mulheres que ainda hoje, ao contemplar a vida de Jesus, chegam à contemplação do “ser de Deus”, porque a vida de Jesus é a história do amor de Deus para com todos os seres humanos, especialmente para com os mais sofridos.

Procurando ser coerente com a reflexão de Joseph Moingt, devemos afirmar que ele, apesar de apontar com eloquência a temática da humanidade de Jesus, a fez a partir do contexto social europeu e não entrou em questões elementares vivenciadas pelos países pobres da América Latina. Com uma teologia comprometida com os paradigmas da Modernidade (subjetividade, autonomia, racionalismo), Moingt soube desvencilhar Deus de uma linguagem etérea e abstrata e fazer com que a mensagem transmitida fosse compreensível aos homens e as mulheres de nosso tempo. Porém, apesar deste mérito, faz-se necessário alargar a reflexão a partir do contexto latino americano, onde a história narrada por Jesus se mistura com a história sofrida de nosso povo.

Nesse cenário diversos teólogos têm seu devido destaque na respectiva abordagem teológica aproximando-a do lugar onde ressoam os gemidos dos pobres e injustiçados. A partir da identificação de Jesus com os mais sofridos, tais teólogos puderam afirmar que os pobres nos ajudam a “definir” Deus e ainda, com lucidez anunciaram que os pobres se tornam “o lugar privilegiado para fazer teologia”⁷, isto é, os pobres são lugar privilegiado para se falar de Deus.⁸

Enfim, na esteira do pensamento de Moingt, é possível afirmar que a experiência vivida por Jesus levanta as questões fundamentais do sentido da aventura humana na história, impulsionando-nos a contribuir com o seu projeto nesta história que continua, na “suspensão do tempo”, até que ele venha e se faça tudo em todos (1Cor 15,28). Agora, só podemos ver como se fosse num espelho (cf. 1Cor 13,12), porém, o destino de Jesus assegura que, um dia, a bem-aventurança será clara e gloriosa.

⁶ Cf. HURTADO, Manuel. *Deus, não sem nós: a humanidade de Deus para pensar Deus e os pobres da terra*. Reflexões em Eberhard Jungel. São Paulo: Loyola, 2013, p. 89.

⁷ SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador: a história de Jesus de Nazaré*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 54.

⁸ Só para citar alguns teólogos que incomodaram pela maneira desprezível de abordagem, temos: Leonardo Boff, com uma eclesiologia comprometida em favor de uma Igreja mais pobre; Gustavo Gutiérrez, com sua temática libertadora e Jon Sobrino, com a cristologia a partir das vítimas.

Referências

HURTADO, Manuel. *Deus, não sem nós: a humanidade de Deus para pensar Deus e os pobres da terra. Reflexões em Eberhard Jungel*. São Paulo: Loyola, 2013.

MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. *Deus que vem ao homem: do luto à revelação de Deus*. Vol. I. São Paulo: Loyola, 2010.

SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador: a história de Jesus de Nazaré*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.